

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CAMPUS COLINAS
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

TATIANA DOS SANTOS

**O EFEITO DA PARÁFRASE NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM CHARGES
SOBRE A VACINAÇÃO DA COVID-19 DURANTE A PANDEMIA**

**Colinas
2025**

TATIANA DOS SANTOS

**O EFEITO DA PARÁFRASE NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM CHARGES
SOBRE A VACINAÇÃO DA COVID-19 DURANTE A PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Esp. Daniel dos Santos Teixeira

**Colinas
2025**

Santos, Tatiana dos.

O efeito da paráfrase na produção de sentidos em charges sobre a vacinação da COVID-19 durante a pandemia / Tatiana dos Santos. - Colinas - MA, 2025.

44 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2025.

Orientador: Prof. Esp. Daniel dos Santos Teixeira.

1. Efeito de paráfrase. 2. Charge. 3. COVID-19. I. Título.

CDU: 81'42:741.5

TATIANA DOS SANTOS

**O EFEITO DA PARÁFRASE NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM CHARGES
SOBRE A VACINAÇÃO DA COVID-19 DURANTE A PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Esp. Daniel dos Santos Teixeira

Aprovado em: 19/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **DANIEL DOS SANTOS TEIXEIRA**
Data: 09/02/2026 14:21:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Daniel dos Santos Teixeira
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Documento assinado digitalmente
 **LUCIANA MARTINS ARRUDA**
Data: 09/02/2026 15:22:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luciana Martins Arruda
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Documento assinado digitalmente
 **ABILIO NEIVA MONTEIRO**
Data: 09/02/2026 17:13:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Abílio Neiva Monteiro
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso representa um percurso significativo em minha vida durante o curso de Letras, que por mais que eu tenha enfrentado desafios e aprendizados durante a caminhada, encontrei dentro do meu interior, uma mulher forte, cheia de garras e vontade de vencer. Por isso, com o coração cheio de gratidão, desejo expressar os meus mais sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para que essa jornada se tornasse possível.

A Deus, pela força que a mim foi concedida durante o trajeto, pois nos momentos de fraqueza sempre esteve comigo para me reerguer. Me orgulho da mulher que me tornei e ainda mais por conseguir um diploma da UEMA.

Ao meu filho, Bernardo Yohan, que é o amor da minha vida e também minha maior motivação e razão diária para que eu possa seguir com coragem e determinação, mesmo nos dias cansativos.

À minha mãe Sebastiana e ao meu pai Valdeci, a quem sou profundamente grata por serem o meu porto seguro e me apoiar durante todos esses anos, principalmente por cuidarem do meu filho com tanto amor e carinho para que eu pudesse estudar, sem esse apoio eu não teria conseguido conciliar a maternidade aos estudos, já que não foram dias fáceis.

Agradeço aos meus irmãos e irmãs, por sempre acreditarem no meu potencial. Ao meu companheiro Kleber Silva, pai do meu filho, a quem agradeço por sempre estar ao meu lado e me incentivar a nunca desistir, a colaboração e cuidado que teve com nossa família ajudou para que eu pudesse avançar em cada obstáculo.

As amigas Thauane e Gabriela, que o curso de Letras Licenciatura me presenteou e que se tornaram especiais em minha vida, pois com elas as noites em sala de aula se tornaram mais leves.

Aos meus professores que foram essenciais para minha construção de conhecimento.

Ao meu professor e orientador Daniel dos Santos Teixeira, a quem expresso a minha sincera gratidão pela orientação, pessoa a qual tenho grande admiração e que sempre esteve disposto a me recepcionar com paciência e com contribuições fundamentais que me auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho, obrigada!

Minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, se fizeram presente e contribuíram para que tudo fosse possível.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o efeito da paráfrase em charges sobre a vacinação da Covid-19 durante a pandemia de COVID-19, apresentando reflexão teórica e analítica com base na fundamentação da Análise de Discurso materialista – AD. Os discursos contemplam o efeito de paráfrase que se apresenta como um mecanismo para a compreensão de determinados enunciados aos quais são retomados e reformulados, relacionando-se com o já-dito. A fundamentação teórica da pesquisa baseia-se em autores como Eni Orlandi (2007), Sarti e Chiaretti (2016), Michel Pêcheux (1995) e outros autores que fazem contribuição para compreender os sentidos atrelados a questões ideológica do discurso. Os conceitos de intradiscurso e interdiscurso foram movidos em nosso gesto de análise e articulam-se como elementos que sustentam a noção de memória discursiva que consiste em manter em permanência certos dizeres historicamente produzidos mediante a compreensão ideológica na construção de sentidos. A abordagem metodológica de nossa pesquisa se deu pela montagem de arquivo e construção de *corpus* através seleção de charges que evidenciavam assuntos sobre a COVID-19, compondo nosso arquivo de análise, no qual observamos o efeito de paráfrase com regularidades discursivas diante do efeito do discurso negacionista, que se estende por construções ideológicas que sustentam repetições e reformulações que contestam a produção científica em compartilhamentos que afetam a circulação da verdade no ambiente virtual, principalmente durante a pandemia.

Palavras-chave: Efeito de paráfrase; Charge; COVID-19.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the effect of paraphrasing cartoons on COVID-19 vaccination during the COVID-19 pandemic, presenting theoretical and analytical reflection based on the foundations of materialist Discourse Analysis (DA). The discussions contemplate the effect of paraphrasing, which presents itself as a mechanism for understanding certain statements that are revisited and reformulated, relating to what has already been said. The theoretical foundation of the research is based on authors such as Eni Orlandi (2007), Sarti and Chiaretti (2016), Michel Pecheux (1995), and other authors who contribute to understanding the meanings linked to ideological issues of discourse. The concepts of intradiscourse and interdiscourse were used in our analysis and are articulated as elements that support the notion of discursive memory, which consists of maintaining certain historically produced sayings through ideological understanding in the construction of meanings. The methodological approach of our research involved assembling an archive and constructing a corpus through the selection of cartoons that highlighted issues related to COVID-19. This constituted our analysis archive, in which we observed the paraphrasing effect with discursive regularities in the face of the denialist discourse. This extends to ideological constructions that support repetitions and reformulations that contest scientific production in shared content, affecting the circulation of truth in the virtual environment, especially during the pandemic.

Keywords: Paraphrasing effect; Cartoon; COVID-19.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 SITUANDO NOSSO CAMPO TEÓRICO: a Análise de Discurso materialista...	13
2.1 Sobre a Análise do Discurso.....	13
2.2 Sobre o efeito de paráfrase.....	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1 Montagem de arquivo e seleção de <i>corpus</i>	22
4 GESTO DE ANÁLISE E ARQUIVO: uma análise discursiva de charges.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Mediante a perspectiva da Análise de Discurso materialista – AD, o discurso é atravessado por ideologia e pela história, e isso não trata somente de entender o que foi dito pelo sujeito, mas em como analisar os sentidos na condição de produção de tal enunciado, permitindo visualizar os mecanismos discursivos que sustentam certos dizeres. Eni Orlandi (2007, p. 32) destaca que “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”.

Assim, nenhum enunciado é individual, todo discurso se constrói mediante a outros dizeres, memórias e sentidos que são construídos e produzidos historicamente e se atrelam a fala do sujeito. Nessa perspectiva, compreender e interpretar o discurso requer uma percepção de como esses já-ditos sustentam a produção de sentidos que perpassam a relação entre a linguagem, o sujeito e a ideologia, pois, “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Especificamos também que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (Pêcheux, 1995, p. 214).

Nesse contexto, a paráfrase é situada como um mecanismo fundamental para a linguagem, relacionando-se com a repetição e reformulação do já-dito, desse modo, ela é um funcionamento discursivo que enfatiza a presença da memória do dizível, tratando-se, portanto, na produção de sentidos que são formulados através de discursos anteriores e, ao mesmo tempo que ocorre a repetição, a paráfrase também faz a modificação, uma reformulação que se entrelaça com os dizeres de outrem, podendo assim, produzir novos efeitos de sentido (Orlandi, 2007).

Neste estudo, buscamos compreender e interpretar o efeito da paráfrase na construção de sentido em *charges* sobre a vacinação da COVID-19 durante a pandemia, diante dos aportes da AD, além de investigar como a paráfrase emerge discursivamente nas charges e quais os sentidos são produzidos por meio das reformulações e como esses sentidos se atrelam as disputas ideológicas que estão presente em discursos sociais.

A paráfrase e o interdiscurso se relacionam, nesse sentido; nenhum discurso é único, quando um sujeito se dispõe a anunciar algo, ele diz a partir de posições discursivas que já circulam em sociedade. É nesse processo que emergem reformulações. Ao discutir a relação diante da paráfrase e o interdiscurso, Sarti e Chiaretti (2016, p. 78) destacam que

“O modo como o interdiscurso se atualiza na enunciação (processo discursivo) pode ser contemplado sob a forma das paráfrases (objeto discursivo) que, ao instalar o dizer no jogo das diferentes formações discursivas, permite ao analista identificar a formação discursiva dominante em torno da qual se organizam as demais, desvelando, assim, um posicionamento ideológico do sujeito definido pela História e do qual esse dizer deriva.”

Com isso, a análise das paráfrases permite que possamos perceber como o interdiscurso aparece nos discursos existentes e como se reorganizam os sentidos do já-dito, revelando posições ideológicas dentro do contexto histórico e social do sujeito. Entendemos também que no gênero *charge* a paráfrase pode desempenhar um papel crucial, pois articula linguagem verbal e não verbal, que provocam reflexões sobre temas importantes para a sociedade.

Durante a pandemia da COVID-19, as charges tiveram muita visibilidade, espalharam-se diversas formas de comentário social e crítica política. E diante desse contexto, a questão da vacinação ganhou grande repercussão na sociedade, com frases impactantes de políticos, a circulação de desinformação e a rejeição da população. Por meio desse processo, a reformulação de enunciados já conhecidos, por meio da paráfrase nas *charges* contextualizam diversas maneiras de interpretação, pois não apenas provocam o riso, mas também intervém na disputa de sentidos que permeiam meio social.

Diante disso, destacamos como nosso objetivo geral o seguinte: compreender de que forma o efeito de paráfrase ocorre em *charges* sobre a vacinação na pandemia da COVID 19. Dos objetivos específicos, temos os seguintes: a) identificar a reprodução da paráfrase em charges sobre a COVID-19; b) analisar quais os efeitos de sentidos podem ser provocados a partir da reformulação de discursos nas charges que foram selecionadas; e c) compreender como a paráfrase pode atuar na produção de sentidos que articulam críticas sociais no contexto da pandemia da COVID-19.

Entendemos que a análise da produção de sentidos nas charges que abordam a vacinação da COVID-19 pode nos ajudar a compreender como certos discursos são apropriados para a construção de sentidos disputados no espaço público, por meio da linguagem. O estudo também possui foco justificativo por discutir conceitos teóricos referente a AD, diante da paráfrase, interdiscurso e ideologia, com o intuito de demonstrar como as charges reproduzem os discursos já-ditos e como a construção de sentidos desses discursos podem repercutir na sociedade diante das ideologias que cada pessoa carrega.

Logo, o presente estudo ajuda a compreender estratégias discursivas que são utilizadas na construção de sentidos diante das produções expostas nas mídias digitais. Compreendemos também que a pandemia da COVID-19 causou grande fluxo discursivo na sociedade, e uma questão bastante discutida pelos sujeitos políticos e por cidadãos comuns nesse período e pós-pandemia foi a vacinação, na qual não tornou-se somente uma medida preventiva sanitária, mas também causou um vasto campo de disputa simbólica por parte das ideologias, ciência, negacionismo, resistência e também desinformação.

2 SITUANDO NOSSO CAMPO TEÓRICO: a Análise de Discurso materialista

Para tratar sobre os estudos linguísticos, entendemos que é necessário conceituar sobre qual vertente se está tratando. Assim, neste trabalho, situamos nossa pesquisa no campo da Análise do Discurso de linha materialista, uma área que situa entre a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo (Orlandi, 2007). Para isso, nos propomos, nesta seção, a situar nossa área de estudo.

2.1 Sobre a Análise do Discurso

Para a AD, o foco não é apenas interpretar o que está sendo dito diante dos enunciados, ela investiga como o que está sendo dito se organiza diante de posições discursivas a que se constitui os dizeres, observando as ideologias. Essa vertente teórica parte da questão da compreensão de que a linguagem não é unívoca, transparente ou neutra (Orlandi, 2007). Ela está interligada com a ideologia, a formação discursiva e condições de produção, pois atuam na constituição de sujeitos e nas atribuições de sentidos perante os gestos de interpretação.

Orlandi enfatiza que:

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido (Orlandi, 2007, p. 26).

A análise em AD não se limita somente aos conteúdos expostos nos textos, mas exploram também os efeitos de sentidos que são provocados entre a relação com o enunciador, interlocutor, discurso e contexto a que são atribuídos. O discurso é atravessado por diversos sentidos que são carregados desde os tempos passados, vindo da história, das ideologias construídas e das posições que são ocupadas pelos sujeitos em sociedade. Orlandi (2007, p. 30) diz que

podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

Assim, não se analise as construções de sentido ou se verifica quais sentidos estão dispostos em significantes. O movimento do analista é de observar como se dá as produções de sentidos entre locutores (Pêcheux, 1995), isto é, como as ideologias operam sobre os sujeitos, fazendo com que o movimento de comunicação gere contradição e produção de sentidos entre os sujeitos. É o efeito de sentido que está em jogo, sobre isso:

Compreender o que é efeito de sentidos, em suma, é compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. É da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre locutores. Sem esquecer que os próprios locutores (posições do sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos mas se produzem com eles. Importa ainda lembrar que o limite de uma formação discursiva é o que a distingue de outra (logo, é o mesmo limite da outra), o que permite pensar (como Courtine, 1982) que a formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma, pois já evoca por si o "outro" sentido que ela não significa. Ora, a relação com as múltiplas formações discursivas nos mostra que não há coincidência entre a ordem do discurso e a ordem das coisas. Uma mesma coisa pode ter diferentes sentidos para os sujeitos. E é aí que se manifestam a relação contraditória da materialidade da língua e a da história (Orlandi, 2007, p. 21).

Não é, pois, observar não somente o que está sendo dito, mas pensar de onde e por que é dito, pois os sentidos aparecem porque a ideologia se relaciona tanto com a construção de sentidos quanto com a formação dos sujeitos. Partindo da relação das formações discursivas do que está sendo dito, é importante citar que o não-dito também é uma forma de dizer, considerando que aquilo que não aparece explicitamente na linguagem e participando ativamente da construção de sentido, é “o silêncio significativo” (Orlandi, 2007).

O silêncio não é ausente e para considerar que ele também produz sentidos, Orlandi (2007, p. 24) destaca que:

Por isso, distinguimos entre: a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que se subdivide em: b 1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as "outras" palavras); e b 2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (àquilo que é proibido de dizer em uma certa conjuntura). Isso tudo nos faz compreender que estar no sentido com palavras e estar no sentido em silêncio são modos absoluta mente diferentes entre si. E isso faz parte da nossa forma

de significar, de nos relacionarmos com o mundo, com as coisas e com as pessoas.

O que dizemos e o que deixamos de dizer (o dito e o não-dito) podem ser modos diferentes, mas possuem importância por igual na reprodução de sentidos, isso faz parte de como nos comportamos com outros e conosco. Percebe-se que tanto o que está sendo dito quanto o que não está sendo dito, ambas reforçam que os sentidos não se constroem somente pelo que é dito, mas também do que está sendo silenciado, partindo de que o silêncio não é algo vazio, mas sim um elemento que participa de forma significativa na produção dos sentidos discursivos.

Em AD reconhecemos que há, em todo dizer, uma memória discursiva que o sustenta, onde é composta e por dizeres já ditos em algum lugar, por alguém, em outros momentos passados e que esses discursos continuam sustentando os efeitos de sentidos produzidos.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas 'nossas' palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (Orlandi, 2007, p. 32).

O sujeito do discurso não é o portador unívoco do sentido, porém é a passagem pela qual diferentes vozes e discursos se encontram. Ao discutir sobre a construção do sujeito no discurso, Pêcheux (1995, p. 214) diz

"os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes". Especificamos também que "a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina".

O sujeito, portanto, não nasce pronto, ele se torna sujeito falante porque é interpelado e moldado pela ideologia. Dessa forma, a atuação da paráfrase dentro da perspectiva da AD, evidenciando o fato de que todo dizer é, uma reformulação do que já foi dito e as circunstâncias sócio-históricas e ideológicas nas quais o sujeito está inserido são interpretadas como causadoras da produção de sentidos nos quais foram atribuídos em convívio com o meio social.

É, então, a Análise de Discurso materialista uma área que se põe no entremeio em a linguagem, o materialismo e a psicanálise (Orlandi, 2007). Não

existe, pois, um movimento de entender quais sentidos estão dispostos em seus (possíveis) respectivos significantes, mas sim de observar o discurso, entendendo-o como o espaço, de acordo com Pêcheux (1995), onde ocorre a produção de sentidos.

2.2 Sobre o efeito de paráfrase

A paráfrase repete conteúdos já ditos, propondo outra forma, outros pontos de vistas ou entonações, tentando manter o máximo possível a referência do texto anterior, buscando reforçar determinadas interpretações que circulam em sociedade, atuando no processo de reformulação discursiva, retomando e reorganizando sentidos já ditos, dentro de novos contextos. É mediante a essas repetições transformadas que o sujeito encontra condições para reinterpretar. Orlandi (2007, p. 38) reforça que "a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo (...)".

Ao discutir o funcionamento de uma formação discursiva, é fundamental compreender que o sujeito não fala partindo de uma posição que seja plenamente consciente, ou seja, o sentido não é criado livremente, o sujeito fala em espaços de reformulações parafrásticas, produzindo sentidos já pertencentes ao campo discursivo ao qual o antecede e o determina.

Nesse contexto, Pêcheux (1995) considera que:

(...) um caso particular dos fenômenos de paráfrase e de reformulação (como forma geral de relação entre substituíveis) constitutivos de uma formação discursiva dada, na qual os sujeitos por ela dominados se reconhecem entre si como espelhos uns dos outros: o que significa dizer que a coincidência (que é também conivência - e mesmo, cumplicidade) do sujeito consigo mesmo se estabelece pelo mesmo movimento entre os sujeitos, segundo a modalidade do "como se" (como se eu que falo estivesse no lugar onde alguém me escuta), modalidade na qual a "incorporação" dos elementos do interdiscurso (pré-construído e articulação-sustentação) pode se dar até o ponto de confundi-los, de modo a não haver mais demarcação entre o que é dito e aquilo a propósito do que isso é dito (Pêcheux, 1995, p. 167).

Entre os processos de paráfrase e reformulação dentro de formações discursivas acabam por fazer com que os sujeitos se reconheçam uns nos outros,

como se os pensamentos fossem iguais. Nesse processo, os sentidos já existentes acabam sendo incorporados de maneira natural e isso faz com que o sujeito acredite está produzindo o discurso de forma autônoma, como se fosse o criador, quando na verdade está apenas por repetir sentidos já determinados.

A linguagem funciona por meio de reformulações e essa afirmação é essencial para entender como os sentidos são construídos no discurso. Dessa forma, toda paráfrase é interdiscursiva pois refere-se ao conjunto de dizeres anteriores. Quando falamos ou escrevemos, não estamos fazendo a produção de algo novo, que seja original e isolado, pois nossas palavras remetem a outros discursos já existentes, vindo da memória discursiva do sujeito através daquilo que já foi dito antes e retorna no que dizemos, em outras palavras, mas que contenha o mesmo sentido, em um novo discurso.

“A observação do interdiscurso nos permite [...] remeter o dizer da faixa a toda a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos.” (Orlandi, (2007), p. 32) Sobre o interdiscurso, isso afirma que o sentido de um enunciado se relaciona com a memória discursiva que o antecede, pois o dizer não nasce sozinho, e está sempre atravessado por discursos anteriores, mesmo quando isso não seja algo consciente para o sujeito e para que haja significado em um anúncio atual é preciso que esses dizeres anteriores se apague para que aconteça a reinscrição, pois é na passagem do já-dito e ao já esquecido que sustenta a significação no presente. Em outras palavras, Orlandi (2007) afirma:

“O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o "anonimato", possa fazer sentido em "minhas" palavras.” (Orlandi, 2007, p. 33/34).

O interdiscurso, assim, envolve formulações anteriores que acabam sendo apagadas e esquecidas pela memória. O sujeito fala como se as palavras fossem suas, mas que na verdade o que está sendo falado pertence a história que o antecede. Isso não significa que o que foi esquecido será uma perda, ou que o

apagamento ficará eliminado, ao contrário, isso fará com que o sentido circule em sociedade.

O sujeito do discurso se articula entre o que está sendo retomado e ao que se atualiza em seu dizer, sempre fazendo relação ao que foi dito anteriormente. É, através dessas retomadas discursivas que as paráfrases aparecem não somente como repetição e reformulação, mas como forma de identificar como os sujeitos assumem determinadas posições que foram construídas historicamente, permitindo compreender a organização da fala do sujeito e as memórias discursivas nas quais contribuem para os efeitos de sentido.

Dessa maneira, as paráfrases ocupam, para o analista, a função de indícios, marcas linguístico-discursivas do processo de produção de sentidos, que permitem recuperar o modo como o enunciador se posiciona e se constitui como sujeito historicizado, inscrito em uma particular relação entre o já dito e o que está se dizendo, ou seja, entre o interdiscurso e o intradiscurso, entendidos como constituição do sentido e sua formulação (Sarti; Chiaretti, 2016, p. 73).

A paráfrase pode evidenciar a maneira de como o sujeito, ao dizer algo, se constitui em uma rede de sentidos já existentes, e esses sentidos são reformulados e ressignificados conforme seu lugar de fala, suas posições ideológicas e as condições de produção a qual está inserido. A articulação entre paráfrase, interdiscurso e intradiscurso dispõe por revelar que o sujeito não fala a partir de um discurso neutro e os discursos se constroem a partir da memória, em dizeres que já foram instituídos socialmente.

Quando um sujeito se dispõe a anunciar algo, não significa que ele partiu determinado assunto do zero, pois há o apoio diante dos saberes e sentidos que já foram compartilhados em algum momento. É diante desse movimento de repetição e reformulação que se situa a noção de paráfrase.

[...] em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado (Orlandi, 2007, p. 36).

Isso revela que a paráfrase não é somente uma forma de repetição mecânica, mas uma construção de reformulação que preserva os traços aos quais já foram ditos. Ao reformular um anunciado, o sujeito é capaz de reinscrever o dizer em novos

contextos, podendo manter as marcas das formações discursivas que as constituem. Isso pode reforçar que o processo de que a paráfrase é um mecanismo fundamental para a sustentação dos sentidos da linguagem.

Esse movimento feito entre a repetição e reformulação acaba sendo algo mais complexo, ao considerarmos algo, em que ao mesmo tempo em que retomamos sentidos já estabelecidos, também os deslocamos, pois, a língua não é estática, ela percorre o tempo em constante movimento e mutação, e o sujeito ao falar utiliza palavras que já estão em circulação.

Nesse sentido, Orlandi diz que:

“Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam (Orlandi, 2007, p. 36).

O processo de significação é evidente, e a presença do já dito promove e sustenta a estrutura dos enunciados, pois a atribuição de sentido acontece através do dizer. O sujeito não é um mero reproduzidor de sentidos, mas também um agente de ressignificação. É mediante a essa instabilidade da língua que o sujeito se constitui e se posiciona entre as várias formas discursivas.

Em dimensão discursiva, a linguagem promove um amplo espaço de sentidos que são atravessados pela ideologia, por questões históricas, sociais e simbólicas, na qual condicionam o que pode ou não ser dito. O discurso, por não ser neutro, articula a interpretação e a forma de como o sujeito se posiciona em sociedade. Diante desse contexto, é de suma importância compreender: todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. “Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia” (Orlandi, 2007, p. 38).

O sujeito está atrelado a formações discursivas que o antecedem e o atravessam, pois não escolhem em livre demanda suas palavras, estas acabam por surgir carregadas de sentidos que foram adquiridos no decorrer do tempo passado, construídos historicamente. É no interior do discurso que a ideologia tende a orientar, o sujeito reproduz e, ao mesmo tempo, acaba por deslocar sentidos. O discurso é um território onde o que já foi falado se articula com o que pode ser possível a se dizer. “Entre o mesmo e o diferente, o analista se propõe compreender como o político e o

linguístico se interrelacionam na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos, ideologicamente assinalados” (Orlandi, 2007, p. 38).

Essa formulação amplia a articulação do processo simbólico e político do sujeito, e a repetição em reprodução, amplia o caminho para a variação em reescrever sentidos, carregando um potencial de criação de novas perspectivas de significações.

O discurso é, portanto, um espaço ocasionado por disputas simbólicas, onde o sujeito se insere aos efeitos de condições históricas e como um agente capaz de tensionar essas mesmas condições. A repetição do dizível provocado pelo funcionamento da paráfrase, produz abertura para o sentido, sustentando a permanência da transformação do discurso.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Baseado na Análise do Discurso – AD, nosso objetivo é investigar como a paráfrase contribui para a construção de sentidos diante das charges sobre a vacinação da COVID-19 durante a pandemia, a fim de considerar as formações discursivas mediante a questões ideológicas e históricas, atravessadas pela memória e pelas formações discursivas que formam os sujeitos e seus dizeres.

Assim, nossa pesquisa pressupõe a ideia de itinerário que segue as demandas do pesquisador, sendo menos subjetiva possível (Orlandi, 2007). Nosso movimento analítico não é, pois, de caráter positivista, seguindo modelos tradicionais, permitindo-nos a trabalhar um gesto de análise observando regularidades discursivas em meio a observar as produções de sentido e o efeito de paráfrase em nosso corpus.

A análise poderá permitir a interpretação referente aos efeitos de sentidos produzidos nos discursos que vão além da compreensão, privilegiando a interpretação dos sentidos produzidos mediante a condições concretas de enunciação, a partir de contextos de produção e circulação social, onde serão selecionadas charges, com interesse de analisar como determinados dizeres circulam e se reformulam nas publicações que fazem circulação em meios digitais, conduzindo critérios que contenham relevâncias discursivas, atribuições parafrásticas, intradiscurso, interdiscurso e elementos de crítica social.

A análise privilegia categorias da Análise do Discurso – AD, focando em entender o efeito de paráfrase dialogadas entre textos verbo-visuais e também nas construções ideológicas que atribuem sentidos.

A base teórica nesta pesquisa está de acordo com os estudos de Eni Orlandi (2007), Sarti e Chiaretti (2016), Michel Pêcheux (1995) e Cattelan (2024) que ajudarão a compreender o funcionamento do discurso parafrástico nas charges e os efeitos de sentidos emergentes de reformulações do já dito em relação ao contexto de uma vasta disputa discursiva como o da vacinação no contexto pandêmico.

A pesquisa é pela seleção de charges que constam assuntos sobre o tema da vacinação, que estiverem intensamente presente na mídia e em diversos debates públicos, onde serão extraídas de fontes digitais de vasta circulação. O critério avaliativo das charges estão entre abordar de forma explícita a temática da

vacinação; apresentar os recursos verbais e não verbais que estarão articulados para a construção de sentido; evidenciar nas *charges* o uso da paráfrase com reformulação de discursos que já foram ditos e circulam em sociedade e atrelar a análise de efeitos de sentidos construídos com base na AD, a partir do funcionamento discursivo dos enunciados, conduzidos por categorias tais como a formação da memória discursiva, interdiscurso, paráfrase e efeitos de sentido.

Com isso, em cada charge, será observado como a paráfrase se constitui como mecanismo de reformulação do que já foi dito por alguém, em um determinado momento, e de que modo a reformulação se articula ideologicamente na formação de sentido sobre a vacinação no contexto da pandemia.

Foi observado relações entre os dizeres presentes em cada charge e os discursos sociais mais constantes, possibilitando a reflexão da reprodução de sentidos por trás da retomada de enunciados anteriores. Assim, será possível analisar as situações ancoradas em operações parafrásticas entre a reconfiguração de debates públicos e na constituição de representações sociais. A análise da pesquisa também é realizada por um contexto discursivo, buscando enxergar os efeitos de sentidos produzidos pela reformulação, contribuindo para refletir as funções discursivas da paráfrase na construção de sentidos e disputa simbólica entre eventos de forte impacto crítico discursivo diante da pandemia da COVID-19.

Dessa maneira, a escolha dos nossos procedimentos visa garantir uma coerência diante dos objetos de pesquisa e a proposta dos caminhos analíticos explanados. A análise das charges em concordância com a AD nos permitiu compreender como a paráfrase atua na construção de sentidos, evidenciando as formas pelas quais os discursos circulam e se reformulam no espaço social.

3.1 Montagem de arquivo e seleção de *corpus*

Este presente trabalho é composto por um arquivo de pesquisa que, inicialmente, foi montado por charges que circulam nas mídias digitais e que foram publicadas durante o período da pandemia da COVID-19.

Dentre o conjunto, foi selecionado um *corpus* de cinco charges para a composição do corpus discursivo de análise. O critério para a seleção surgiu com o intuito de apresentar uma regularidade discursiva específica: a do discurso

negacionista diante da ciência, das medidas sanitárias para a prevenção da doença e da vacinação. Mediante a observação do *corpus* de pesquisa pode-se observar a forma como o discurso negacionista se constitui em circulação e os sentidos que são atribuídos no espaço midiático contemporâneo. A regularidade se apresenta através das formações discursivas que acabam carregando consigo efeitos de dúvida, ironia e deslegitimação que colocam a descrédito o saber científico.

Após a delimitação do *corpus* e discussão em relação ao discurso negacionista, passa-se adiante a análise das cinco charges selecionadas para o recorte discursivo deste trabalho. A escolha dessas produções se deu, como já exposto, mediante as regularidades discursivas na qual evidenciam o negacionismo em torno da vacinação da COVID-19 durante a pandemia, que são expressas por meio da ironia, do humor e da crítica social. As charges articulam linguagem verbal e não verbal capazes de produzir sentidos e posicionamentos ideológicos que se constituem diante de um espaço privilegiado no jogo de vozes e memórias discursivas que são perpassadas socialmente.

O procedimento de análise se deu através da presença de marcas discursivas, pensadas a partir do campo teórico da AD, que evidenciam a) o intradiscorso e a descrição do que é dito na charge, considerando o modo do dizer do sujeito e os sentidos que se constroem através do texto e das imagens em exposição; b) o interdiscorso e a identificação das vozes e discursos anteriores, discursos já existentes e que são reconhecíveis em sociedade; c) o efeito de paráfrase, que evidencia a reformulação e repetição que constroem discursos negacionistas que são transmitidas nas mídias sociais e circulam na socialmente, e em como essas repetições podem reforçar o apagamento em relação ao discurso científico, tais como a negação sobre a questão do funcionamento da vacina e o descumprimento do isolamento.

4 GESTO DE ANÁLISE E ARQUIVO: uma análise discursiva de charges

Para que se possa compreender a produção de sentido do funcionamento do discurso que ocorre dentro da perspectiva da AD, é fundamental fazer a distinção de dois níveis que são fundamentais para a AD: O intradiscurso e o interdiscurso. O primeiro (intradiscurso) refere-se a como o sujeito propõe-se a organizar o que diz, dando forma concreta ao discurso linguístico; já o segundo (interdiscurso) diz respeito em relação a rede de outros discursos que permeiam e atravessam em sociedade. Diante disso, compreender o intradiscurso remete em observar como os dizeres podem se manifestar na linguagem e como o sujeito é capaz de estruturar as palavras para que elas possam fazer sentido.

Por intradiscurso, do horizonte teórico em que este estudo se instala, é preciso entender os processos de constituição da materialidade textual/discursiva que resulta, como produto, da “seleção” efetuada pelo sujeito para dar forma ao que “pretende” dizer, devendo lançar mão de procedimentos de montagens sequenciais de ingredientes linguísticos com vistas a constituir uma unidade de sentido, com início, meio e fim, e que é portadora de uma certa pretensão de completude. Em outros termos, a constituição do discurso, como materialidade verbal, exige do sujeito a linearização/sintagmatização de ingredientes linguísticos para se constituir, forçando a criação de uma cadeia sintagmática de dimensão variável, que parece emergir sob a regência da batuta de um sujeito livre de coerções, exceto aquela da sua intenção (Cattelan, 2024, p. 4).

Com isso, o intradiscurso busca representar o nível interno do discurso, onde o sujeito constrói uma organização do seu dizer, em busca de uma estrutura de sentidos que são condicionados por fatores históricos e ideológicos, e que todo discurso já foi discursado em algum momento. Pêcheux (1995, p. 166) discorre que

“no eixo do que designaremos pela expressão intradiscurso, isto é, o funcionamento do discurso em relação a si mesmo”, isto é, “o conjunto dos fenômenos de ‘co-referência’”, os quais “garantem aquilo que se pode chamar o ‘fio do discurso’, enquanto discurso de um sujeito”.

O intradiscurso está ligado, portanto, ao funcionamento do movimento do próprio discurso ao qual se relacionam ao mecanismo de co-referência que sustentam os elementos que retomam e conectam os sentidos, dando continuidade ao discurso de um sujeito e como ele se sustenta internamente (Pêcheux, 1995).

É importante reconhecer que o discurso não aparece de forma isolada, pois, todo enunciado surge em continuidade a outros dizeres e isso tende a formar um encadeamento que constitui o funcionamento do discurso. E, ao falar, o sujeito mobiliza sentidos anteriores e ao mesmo tempo, projetam futuras possibilidades de significação que se articulam entre os efeitos de sentidos.

na iminência de produzir um discurso, o sujeito não tem outra saída que não seja “elaborar” uma trama linguística que se articula entrelaçando o que se diz agora com relação ao que foi dito antes e se dirá depois. Em suma: uma materialidade verbal se articula por meio de relações que se sucedem em busca de um término ou de uma completude, constitutivamente incompleta. (Cattelan, 2024, p. 4)

O discurso também depende permanentemente de conexões internas que são estabelecidas em diferentes momentos do dizer e por isso acaba por gerar uma impressão de que o sujeito produz seu próprio processo discursivo, como se ele fosse o responsável por seu próprio dizer. Porém, mesmo que haja essa sensação de estar formulando algo novo, os dizeres sempre serão atravessados pelo que já foi dito em outro momento e que seguem sendo carregados pela memória discursiva e por posições ideológicas.

Dado o fato de que o discurso é produzido ad hoc por um sujeito específico e que algo que não existia antes (o discurso) passa a existir diante dos olhos/ouvidos de quem o “elabora”, nada parece mais óbvio do que o sujeito ser a fonte geradora do intradiscurso, que, “obviamente”, surge com ele (...) de modo espontâneo, impõe a crença de que o sujeito é único, insubstituível, ponto fundante do discurso e pêndulo do sentido. Em outras palavras, o discurso emerge com a “obviedade” que responsabiliza o sujeito como criador, tornando-o juridicamente passível de sanção em virtude das premissas que professa, o que acontece porque o intradiscurso é tido como sendo determinado cabalmente pela sua interioridade, que estaria submetida às imposições e injunções de um sujeito livre, que arbitra sobre ele, escolhendo e selecionando o que deve fazer parte e o que deve ser rejeitado (Cattelan, 2024, p. 4-5).

Essa “obviedade” dá uma ideia ilusória de que o sujeito é o responsável por escolher livremente suas palavras, isso acontece pelo efeito ideológico que é naturalizado pelo sujeito. O intradiscurso está ligado a continuidade interna do dizer, que parecem surgir do interior do sujeito, mas, que na verdade, está relacionado com as condições discursivas que o atravessam.

A ilusão de que o sujeito é o próprio responsável por seu discurso acaba por se desfazer quando compreendemos que o que está sendo dito (intradiscurso) só existe porquê está relacionado com as memórias discursivas que são estruturadas pelo já-dito (interdiscurso). O sujeito só fala mediante a uma rede de sentidos que são constituídas até mesmo antes de fazer a enunciação de suas primeiras palavras, fazendo com que a pessoa forme seu posicionamento através do seu convívio com o meio social em que está inserido.

A relação entre o que é dito e o que não é dito pode ser compreendida discursivamente a partir do modo como o interdiscurso (o já dito) e o intradiscurso (o que se está dizendo) se articulam. Essas noções são fundamentais na Análise do Discurso. O intradiscurso está no eixo horizontal (o da formulação). O interdiscurso está no eixo vertical (que é o da constituição: representa o dizível, ou seja, todos os dizeres já ditos – e esquecidos, produzindo efeito de evidência) (Jesus, 2019, p. 60).

Logo, remete-se em compreender o modo de como os sentidos se relacionam através da linguagem, e com isso, o que o sujeito diz no presente só faz sentido por estar ligado a todos os discursos que foram ditos antes e o que parece ser uma construção originária do sujeito, é na verdade, o resultado que se dá através da relação diante do já-dito e do que está sendo dito atualmente, considerando que o discurso sempre está em movimento entre a memória discursiva e entre os sentidos da formulação atual.

Sobre isso, Orlandi (1999, p. 64) explica que

“o interdiscurso, como definimos na análise de discurso - é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer. (...) o

sujeito é assujeitado, pois para falar precisa ser afetado pela língua. Por outro lado, para que suas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Assim é que dizemos que ele é historicamente determinado, pelo interdiscurso, pela memória do dizer: algo fala antes, em outro lugar, independentemente.”

Desse modo, o sentido não é novo ou individual, pois resulta em transformações discursivas, que se entrecruzam no tempo e na memória, um ato histórico e ideológico entre o que já foi dito e o que se diz agora. O sujeito, ao praticar um enunciado, entrelaça tanto o intradiscurso, quanto o interdiscurso, é diante do presente da enunciação e da memória discursiva que entra o movimento do efeito de paráfrase. O efeito parafrástico ocorre quando o sujeito faz a reformulação de sentidos, mantendo o sentido e dando continuidade aos discursos anteriores. A paráfrase mostra-se como uma produção dos efeitos de sentido na memória do dizer.

Um sempre retorno ao já dito na enunciação de um discurso que pela inscrição na história possibilita a realização e a ancoragem do dizer no interdiscurso. Pertence à ordem da memória discursiva. Por esse lado se há paráfrase é porque existe produtividade na linguagem. Nessa formulação, o sujeito retoma um dizer e o reformula preso à mera variação e série. (Brasil, 2011, p. 180) Assim, na mesma instância em que o sujeito faz a atualizações de sentidos, também reafirma o discurso com ressignificações.

Em nosso movimento de análise, buscamos observar as charges sobre a COVID-19, buscamos encontrar possíveis regularidades discursivas e, para compreendermos o funcionamento dos sentidos no discurso, é fundamental analisar a forma em como certos movimentos se repetem e como são estabilizados ao longo do tempo. É nesse sentido que “a regularidade do processo discursivo é compreendida a partir das condições de produção que configuram o conjunto de SDs do corpus a ser analisado.” (Fernandes; Vinhais, 2019, p. 142), com isso, percebemos que a regularidade não é um padrão fixo, mas sim algo que surge do contexto histórico-ideológico que atravessam o discurso diante do que se repete e do modo de como se repete.

a regularidade é tomada como lei a se submeter, já a AD vai propor a reflexão sobre a própria noção de regularidade, revendo seu aspecto doutrinário com leis ou normas, para trazer a relatividade da estrutura como sendo mais ou menos estável. O regular é aquilo que se repete, processos regulares são aqueles que tomam “certa direção”, orientados por determinações ideológicas, mas que podem se transformar, mudar de orientação conforme o interdiscurso (Fernandes; Vinhais, 2019, p. 142/143).

Isso significa que a regularidade não é algo que seja isolada, ela surge porque alguns sentidos são repetidos no discurso, porém, essas repetições podem ser moldadas quando outros disserem entram em circulação, ou seja, tudo aquilo que já foi dito na sociedade (interdiscurso) acabam por influenciar o que está sendo dito no momento atual. A regularidade observa ao mesmo tempo o que permanece e o que está sendo deslocado conforme os sentidos são produzidos dependendo do momento histórico, ideológico e da memória dos discursos que estão em circulação. Nesse entremeio, selecionamos as charges que apresentam, entre outros, o discurso negacionista (uma regularidade comum observada em nosso arquivo).

O discurso negacionista é visto como uma forma de negação, de desconfiança que minimiza fatos e saberes que são validados em sociedade, colocando em foco os que são produzidos pela ciência, apagando ou silenciando o conhecimento científico. O negacionismo se dispõe em expor outras “verdades” através de crenças, ideologias ou até mesmo interesses políticos, que podem refletir em efeitos de ruptura com o discurso científico, não tratando somente do não acreditar, consentindo em produções de sentidos que podem apagar a validação da autoridade científica.

Para a AD, o discurso é constituído sempre através de outros discursos (Orlandi, 2007) e, é nesse sentido que acontece o entrecruzamento em relação a disputa de conflito entre a ciência e o discurso negacionista. Assim, “(...) o negacionismo consiste em um fenômeno discursivo contemporâneo em que evidências históricas e científicas são refutadas e substituídas por novas narrativas, estas forjadas de modo a atender interesses políticos, construídas em forma de propaganda, sustentando-se nas novas tecnologias de comunicação como seu principal meio de propagação” (Souza, 2024, p. 14).

O negacionismo não apenas rejeita as evidências científicas e históricas, como também se dispõe em criar narrativas que visam defender certos interesses.

Isso nos ajuda a entender que não é algo que surge do espontâneo, mas algo que já é construído. E, durante a pandemia da covid-19, o efeito do negacionismo ganhou força quando os indivíduos minimizavam a doença e desconfiavam da eficácia da vacina. Isso reforça que o negacionismo é um discurso que se influencia e se apresenta tanto nas falas, quanto nas ações das pessoas.

o negacionismo pode ser definido como atitudes tendenciosas que consistem em negar a existência, validade ou veracidade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, mesmo quando confrontados com evidências ou argumentos que os sustentam. De fato, a partir de 2020, o Brasil experimentou um significativo aumento no negacionismo, manifestado de várias maneiras, incluindo a minimização da gravidade da doença, a resistência ou desconfiança em relação às medidas preventivas, a subestimação dos dados epidemiológicos, a ausência de formulação de estratégias de saúde nacionais eficazes, a promoção de terapias não respaldadas pela ciência e tentativas de minar a confiabilidade das vacinas, entre diversas outras demonstrações desse fenômeno.” (Alves, 2025, p. 1)

Ao abordar o funcionamento do discurso negacionista, é essencial pontuar não somente os efeitos ideológicos construídos, mas também os meios pelos quais são compartilhados. O ambiente digital desempenha um papel central na circulação desses discursos, proporcionando uma rápida e fácil disseminação de informações que são compostas por enunciados e repetições de discursos ideológicos que se atrelam as crenças dos sujeitos. Todavia, as plataformas digitais são transformadas em um espaço fértil para a reafirmação de discurso que vão de encontro com a ciência.

Diante disso, Souza (2024. p, 14) coloca que “não pode ser ignorada a influência da Internet e mídias sociais na aderência ao discurso negacionista, que se beneficia do modo operacional da comunicação digital para a sua disseminação”. As novas tecnologias de comunicação e seu modo de operação algorítmica corroboram para a formação de bolhas sociais capazes de agrupar atores sociais por semelhanças ideológicas e experiências afins, fortalecendo a percepção da realidade tal como suas próprias. Por operarem com grande alcance e velocidade, as mídias sociais acabam por frear o aprofundamento analítico sobre o que é veiculado, viabilizando a disseminação e aceitação dessas novas narrativas tendenciosas.

Com isso, esse movimento contestatório que caracteriza o negacionismo tomou dimensões inesperadas devido ao meio em que se propaga e vem trazendo consequências significativas para o ordenamento social, o que aponta para a relevância do debate a respeito de suas motivações, lógicas e impactos.

Vejamos a primeira charge, onde propusemos esse movimento de análise:

Figura 1: Doses de Fake News



Fonte: NSC Total (2022).

Na charge, assinada por Zé Dassilva (2022), há dois homens conversando. Ao lado esquerdo da imagem um deles está usando uma máscara, com o braço exposto, e que aparentemente tenha tomado uma dose da vacina. O que dito, aqui, colocamos como Sequência Discursivas (SD), que podem ser compreendidas como “a materialização do interdiscurso processada no eixo da formulação, o intradiscurso” (Souza, 2023, p. 9). Assim, ao lado direito na charge, um homem de camisa amarela usando máscara e segurando um celular, discorre:

(SD1) Tomei a quinta dose de Fake News e ela me mandou não tomar a terceira dose da vacina.”

O cenário da imagem não é muito detalhado, contém um fundo simples para que haja mais destaque ao diálogo entre os sujeitos. Observamos que o humor da charge é composto por ironia, pois um dos personagens faz a afirmação de ter sido

“vacinado” diversas vezes por doses de Fake News, com se a dose fosse um tipo de “barreira” contra a verdade, por isso, segue com a recomendação de não se vacinar.

Na imagem da charge, o intradiscurso é correspondente ao que está sendo dito diretamente no texto, isto é, a SD1, e também na visualização da posição dos personagens. De forma irônica, o enunciado revela uma crítica ao comportamento das pessoas que, durante a pandemia da COVID-19, não deram importância a situação e deixaram de tomar a vacina mediante as influências de notícias falsas (fake news) que foram compartilhadas nas redes sociais. A afirmação do sujeito do enunciado se mostra como alguém que tomou para si próprio, o discurso falso, internalizando e substituindo a eficácia da vacina pela desinformação e negação da ciência.

No interdiscurso, percebemos que há uma relação entre outros discursos que atravessam e trazem sentido ao enunciado, e na ilustração acontece uma manifestação entre a defesa da vacina e a negação da mesma. O discurso da defesa da vacina aparece como um ato de prevenção e proteção coletiva, em conjunto com a ciência (mostrado pelo personagem que usa máscara e está com o braço exposto).

O discurso de negação da vacina é apresentado pela desqualificação do saber científico, promovendo desinformação por entremédio de notícias falsas que são compartilhadas através das Fake News, onde é demonstrado por meio da fala “tomei a quinta dose de fake news”, revelando embate diante de discursos contraditórios. Assim, o interdiscurso promove disputa simbólica entre a ideologia e a crença e com isso acaba afetando os interesses dos sujeitos por meio dos discursos sociais e como a transmissão da desinformação se impõe sobre o discurso científico na sociedade contemporânea.

Dessa forma, o efeito da paráfrase também é evidente, ele ocorre quando um discurso repete e reformula sentidos que já existem, mantendo e preservando a mesma formação discursiva. Nesta charge, a fala do personagem que diz “tomei a quinta dose de fake news” pode ser colocada como uma paráfrase irônica em relação ao próprio discurso da vacina, pois algo que é científico, eficaz e responsável acaba sendo ressignificado por um contexto de desinformação.

Diante disso, o discurso negacionista é evidenciado, se apoiando em reformulações falsas sobre a imunização, considerando os discursos de que “vacina não funciona, vacina faz mal, vacina é coisa de política”, com isso, essas repetições os sentidos vão sendo construídos de forma falsa, porém, com sensação de verdade por considerar a crença e as ideologias que o sujeito carrega consigo. Na charge, o efeito de paráfrase aparece como forma crítica, usada para explicar a lógica negacionista de que as pessoas usam a “dose de vacina” contra o conhecimento, sustentando o discurso da negação.

Figura 2: Vacinação x vacilação.



Fonte: NSC Total (2022).

A segunda charge também é do autor Zé Dassilva, intitulada “Vacinação x Vacilação”. Como na primeira imagem, esta apresenta dois personagens dialogando, com a seguinte sequência discursiva:

(SD2) Sujeito 1: Já tomei a primeira, a segunda e a terceira dose”

Sujeito 2: “Não tomei nenhuma e vivo aglomerando sem máscara!”.

A construção do humor na charge se dá pela questão construída entre as palavras “vacinação e vacilação”, uma é associada à reponsabilidade e ao cuidado

da ciência, enquanto a outra remete à imprudência e negligência em relação a comportamentos diante da pandemia da COVID-19.

O intradiscurso é exposto através do que está sendo dito diretamente na charge, e o diálogo entre os dois homens abordam suas posições em relação a vacina. Um dos sujeitos expressa apoio ao discurso da ciência e o outro assume uma expressão de descaso, ignorando as medidas sanitárias de prevenção. O personagem se vangloria, se expressa com orgulho pelo fato de ignorar a situação vivida, com irresponsabilidade durante a pandemia.

Na imagem, o interdiscurso se manifesta, segundo Orlandi (2007), como um conjunto de dizeres que se antecedem e circulam em sociedade, mediante a isso, a charge mostra um embate interdiscursivo, dois dizeres, dois modos de compreender o mundo dentro do mesmo espaço de enunciação, onde o título da charge provoca disputa simbólica ligadas a responsabilidade e irresponsabilidade, evidenciando como os discursos sobre a pandemia e a vacinação foram produzidos e disputados socialmente.

Na figura, há a negação a partir de um discurso já articulado e sedimentado que fazem circulação nas redes sociais e também há o apoio diante do discurso do personagem que se vacinou, que fala mediante a um saber científico, refletindo não somente em opiniões individuais, mas que se atribuem a disputas ideológicas dentro do espaço social discursivo.

O efeito de paráfrase surge na repetição irônica entre discursos já conhecidos em relação a vacinação e o comportamento dos sujeitos. A palavra “vacinação” foi parafraseada e reformulada por “vacilação”, gerando contradição, invertendo o sentido como forma de criticar o vacilo que remete a negligência e a recusa, mostrando como a falta de consciência individual pode ser capaz de prejudicar o bem-estar dos indivíduos.

Com isso, o efeito negacionista insiste em rejeitar as recomendações científicas ao uso da vacina, do uso de máscara e da aglomeração, reforçando a desinformação que circula entre ideias como “o uso da vacina não é necessário”, “é só uma gripezinha”, “não preciso usar máscara e nem me isolar”. Entendemos que essas falas são associadas a discursos negacionistas que foram constituídos fortemente no decorrer do período pandêmico.

Figura 3: UFSC na busca da vacina da COVID-19.



Fonte: NSC Total (2020)

A terceira charge (figura 3) apresenta dois personagens, uma mulher e um homem, que dialogam sobre o desenvolvimento de uma suposta vacina contra a COVID-19, feita pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na imagem, a mulher está usando uma máscara, segurando o celular nas mãos, lendo a seguinte informação:

(SD3-1) “A UFSC está trabalhando numa vacina contra a COVID-19! Já pensou se dá certo?”

O homem que está ao lado da mulher também segura um celular nas mãos e usando máscara, responde:

(SD3-2) “Eita, aí vou ter que apagar meus posts falando mal da UFSC... e também aqueles falando que vacinas não funcionam”.

No nível do intradiscurso, o enunciado nos mostra que o personagem masculino expressa um conflito ao expor seus dizeres internos relacionados a universidade “falar mal da UFSC” e ao funcionamento da vacina “vacinas não funcionam”, esses conflito é gerado mediante a contradição na qual a universidade poderá ser responsável por uma descoberta científica de suma importância para a sociedade e sua fala remete em tentar reparar e corrigir o erro ao disseminar

discurso de negação nas publicações feitas por ele, sentindo a necessidade de apaga-las.

O interdiscurso, por sua vez, faz um entrelaço nas vozes do discurso que dão sentido ao enunciado. Nesse sentido, existe um embate direto entre o discurso científico (relacionando-se ao saber da ciência, da produção de conhecimento expostos pelas pesquisas) e o discurso negacionista (descrença, desinformação e deslegitimação da ciência). O homem reconhece a possibilidade da vacinar funcionar e o discurso científico acaba se impondo ao discurso do negacionismo, evidenciando que o dizer do personagem não é somente um sentimento individual, mas sim resultante de circulações de sentidos que já existem no ambiente social.

Portanto, o interdiscurso nos mostra que o sujeito sempre será assujeitado e atravessado por dizeres anteriores em que os sentidos de cada enunciado dependerá das relações com outros discursos que circulam no meio social. O compartilhamento de publicações verdadeiras nas redes sociais resultam em proporcionar benefícios para o conhecimento do sujeito em sociedade.

Figura 4: Cuidado com essa fake news aí.



Fonte: Brasil de Fato (2022).

Na quarta charge, a imagem exposta é composta por dois quadrinhos, no qual aparecem o mesmo personagem. A figura aborda de forma contraditória, uma crítica direta sobre o comportamento de pessoas que optam por desacreditar em fontes oficiais e preferem acreditar com facilidade em notícias com informações falsas. O personagem aparece segurando o celular nas mãos lendo uma notícia. No primeiro

quadro, o homem lê em seu celular uma informação séria e, em seguida responde. Assim, temos a seguinte sequência discursiva:

(SD4) “O número de mortos por covid segue alto, segundo OMS, Ministério da Saúde, Unicef e Médicos Sem Fronteiras”

“Sei não, sou bem cético! Só acredito vendo... Essas fontes não são muito confiáveis...”.

“Vacinas fazem humanos virarem jacarés... Sem fonte...” e adiante reage com tom de entusiasmos pela notícia e grita: “Faz todo sentido!!!”.

No que desrespeito ao intradiscurso presente na charge, a posição do sujeito diante da primeira informação é obtida com descrença, ele não toma o que foi lido como uma verdade, mas acredita em boatos sem fonte alguma, revelando uma postura atrelada a marcas de negação, apoiando discursos de inverdades relacionados ao uso da vacina e os efeitos que ela irá provocar.

No eixo do interdiscurso, a construção se dá através dos dizeres que atravessam em sociedade, e esse dizer aparece na referência da frase: “Vacinas fazem humanos virarem jacarés” esse é um discurso amplamente propagado no Brasil, ao qual remete a falas discorridas publicamente em razão do negacionismo que colocam a vacinação como algo maléfico para as pessoas. A charge articula de forma irônica o enunciado exposto, que é socialmente reconhecível ao público, pois adquiriu grande repercussão, evidenciando a forma de como o sujeito é influenciado por discursos contrários que circulam na esfera digital.

O efeito parafrástico acontece quando o autor aborda na caricatura do personagem a questão crítica acerca de comentários feitos pelas pessoas em relação a vacina fazer humanos virar jacaré. Esses comentários se articulam ao efeito do discurso negacionista que se perpetua por entremeio a reiteração dos sentidos de desinformação em oposição ao saber científico e aceitação do absurdo como verdade.

Figura 5: UFSC na busca da vacina da Covid-19



Fonte: NSC Total (2020)

A quinta charge exposta (Figura 5) mostra um homem trajando uma camiseta amarela, sentado em um banco, enquanto um profissional de saúde, vestido com jaleco, luvas, touca e máscara, realiza um exame que, provavelmente é para detectar a COVID-19. O homem ao qual será realizado o exame parece exaltado em suas falas, ao fundo da imagem aparecem dois homens utilizando máscaras, observam à cena e conversando, gerando a seguinte sequência discursiva:

(SD5) “Vacinas não salvam vidas. A pandemia não existe!”.

“O exame dele vai dar positivo pra negacionismo.”

Observa-se no intradiscurso a forma como o enunciado é colocado, o modo que o sujeito se expressa em dizeres marcado pela desconfiança e ao mesmo tempo que nega a pandemia, faz participação dos recursos da saúde para realizar o exame, o que causa uma contradição a fala do indivíduo.

A contradição entre o dizer e o fazer revela que o sujeito está atravessado por formações discursivas distintas. O interdiscurso produz o efeito de que o sujeito acredita estar praticando um discurso próprio. Orlandi (2007, p. 35) diz que esse é o “o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos”.

Mas como nenhum discurso é único e novo, ele repete sentidos que foram estabilizados socialmente, discursos que negam a realidade. Assim, a paráfrase surge através do discurso negacionista diante das repetições que foram comuns durante a pandemia, em que a população desacreditava das medidas científicas, da vacinação e também da própria existência da doença, mesmo diante das evidências. Ou seja, o negacionismo é relacionado como uma formação discursiva sustentada por crenças, ideologias e discursos políticos, fazendo oposição à ciência.

As análises desenvolvidas retratam, com senso crítico e irônico, o comportamento discursivo em relação as pesquisas científicas durante a pandemia da COVID-19. Nas imagens, o humor é apresentado como ferramenta para explicar a incoerência entre os discursos dos sujeitos. As contradições expressas nas falas não surgem de maneira individual, mas sim, por meio da repetição de ideias e de opiniões que são construídas através de discursos compartilhados nas redes sociais. Nas charges, os personagens apresentam desconfianças relacionadas às instituições científicas, optando por dar mais ênfase e crédito a informações falsas e sem fontes.

Durante a pandemia, a negação da ciência se tornou discurso social marcado por contradições e incoerências, dessa forma, as charges expostas contribuíram de forma essencial para expor o absurdo dessas posturas, as quais provocam reflexão sobre a importância do pensamento crítico relacionado ao conhecimento científico em meio à desinformação. Diante disso, a crença e os efeitos ideológicos afetam a forma como os indivíduos constroem os sentidos discursivos que circulam em sociedade.

Porém, não devemos tratar a ciência e a ideologia como se fossem dois pontos de vista separados, assim Pêcheux (1995, p. 179-180) afirma que: “Tomar a forma-sujeito como ponto de partida significaria considerar - por uma divisão epistemológica em dois campos que se afrontam a partir de suas posições respectivas - que há, de um lado, o "ponto de vista das ciências" sobre o real e, de outro, o "ponto de vista da ideologia". Na verdade, todo "ponto de vista" é o ponto de vista de um sujeito; uma ciência não poderia, pois, ser um ponto de vista sobre o real, uma visão ou uma construção que representasse o real (um "modelo" do real): uma ciência é o real sob a modalidade de sua necessidade-pensada, de modo que o

real de que tratam as ciências não é senão o real que produz o concreto-figurado que se impõe ao sujeito na necessidade "cega" da ideologia.

Isso equivale a dizer que o verdadeiro ponto de partida em referência ao qual podemos compreender por que "a ideologia é exterioridade" para a ciência e para o real é exatamente o mesmo ponto de partida que nos levou a desenvolver a análise da forma-sujeito na qual a ideologia não possui um exterior. Esse verdadeiro ponto de partida, já se sabe, não é o homem, o sujeito, a atividade humana, mas, ainda uma vez, as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção."

Não dá para fazer a distinção entre a ciência e a ideologia como se partissem de lados opostos, pois todo ponto de vista surge através dos sujeitos e todo sujeito é atravessado pela ideologia e ambas são produzidas por sujeitos. A ciência se dá por organizar o real com racionalidade, já a ideologia constrói os sentidos de forma automática, como se fosse natural. É através dela que moldamos nosso modo de pensar e para que se compreenda a formação dos sentidos que são produzidos, é importante não pensar somente no indivíduo, mas pensar nas condições históricas e sociais que influenciam a nossa forma de pensar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises que foram apresentadas em nosso *corpus* discursivos nos permitiram compreender de que modo o efeito do discurso negacionista pode ser interpretado e se articula e se reinscreve no ambiente social contemporâneo, especialmente ao que desrespeito a situações que aconteceram durante a pandemia da COVID-19.

A Análise de Discurso proporciona instrumentos essenciais para que se possa compreender que o sentido discursivo não está relacionado somente no texto ou na imagem em exposição, mas em compreender a relação da construção que se dá entre o dito, o não dito, a memória e as condições de produção que sustentam os enunciados que circulam em sociedade. Assim, partindo pela percepção teórico-metodológica da AD, observamos que os sentidos dos discursos apresentados nas charges não são produzidos de forma isolada. Eles se ancoram pelas memórias que sustentam o dizer dos sujeitos, resultam, pois, de processos históricos, ideológicos e discursivos que atravessam a linguagem.

Por isso, ao analisar a seleção das charges, foi possível identificar regularidades discursivas que estruturam os dizeres, evidenciando que o discurso negacionista não é um fenômeno que surge do espontâneo, mas sim diante de formações discursivas que se relacionam e que organizam determinados posicionamentos referentes a ciência e a gravidade da pandemia.

No plano do intradiscurso, é evidente os elementos explícitos entre as falas, gestos, expressões e o cenário, podendo consequentemente expor nas imagens, enunciativas que se relacionam a ironia e a contradição em relação as situações que são apresentadas. No que se articula ao interdiscurso, essas produções fazem retomada a discursos anteriores que são amplamente difundidos nas redes sociais. É mediante a articulações entre a memória e a crença que nos permite compreender como determinados sentidos podem ser estabilizados e reproduzidos.

As análises das charges permitiram que pudéssemos compreender não somente textos humorísticos, mas também a pensar em como os espaços de resistência e de disputas ideológicas funcionam diante da crítica social que são

transmitidas através da linguagem verbal e não verbal. E, com base nisso, percebemos que as imagens nos possibilitam identificar a presença constante das paráfrases, um ponto fundamental para nossa análise, que, ao apresentar sentidos já estabilizados, mesmo que sejam sentidos reformulados, irônicos ou até mesmo exagerados, são reproduções já existentes que foram retomadas e reformuladas. Isso nos mostra as inúmeras versões de sentidos que são construídos por meio de diversas reinterpretações e reorganizações nas memórias discursivas dos sujeitos mediante a determinadas posições acerca das ideologias que cada um carrega consigo. Nesse sentido, a paráfrase não somente faz reproduções de um dizer já existente, mas evidencia a persistência de novos efeitos discursivos.

Para além disso, o feito de paráfrase pôde nos mostrar a presença constante do discurso negacionista, nos quais retomam formulações recorrentes no que se refere a negação do vírus, da vacina e da seriedade da pandemia, reformulando tais enunciados em outros novos contextos levando em consideração a questão da ironia e também da crítica. As imagens expostas nos mostram como o negacionismo opera na construção de discursos que distorcem fatos, confrontam e também expõem argumentos contraditórios relacionados ao dizer científico e aos dizeres que circulam em sociedade que minimizam as situações de risco durante a pandemia da covid-19.

O discurso negacionista é facilmente encontrado nas redes sociais, um ambiente fértil para sua expansão. As plataformas digitais ampliaram vastamente o alcance de discursos que distorcem fatos científicos e históricos. As publicações compartilhadas nas mídias digitais são reformuladas, parafraseadas e reproduzidas de várias formas pela sociedade, fazendo com que o negacionismo ganhe força por circular em ambientes que priorizam a opinião pessoal dos indivíduos e questionam assuntos relacionados a autoridade científica.

O estudo demonstrou que, na mesma circunstância em que as charges refletem em circulação o discurso negacionista, também funcionam como dispositivos de cunho crítico que podem desnaturalizar posições ideológicas que sustentam certos dizeres. A linguagem participa ativamente de disputas simbólicas que perpassam a sociedade e a partir da AD, tornou-se possível compreender os efeitos de sentidos discursivos que se compõem aos enunciados.

Diante do exposto, espera-se que este trabalho possa contribuir para estender as reflexões acerca de como a paráfrase pode desempenhar um papel de suma importância, pois permite que enunciados já existentes podem ser retomados sob novas formas de sentido. Reinscrever reformulações relacionadas a questões irônicas e críticas podem tornar visível o funcionamento na produção de sentidos causados pelo efeito negacionista, produzindo deslocamentos que são capazes de aprofundar a desnaturalização ao que se insere ao contexto da pandemia. A Análise do Discurso expõe que a historicidade, a ideologia e a memória discursiva de cada sujeito colocam mediante as disputas simbólicas que são capazes de moldar a vida em sociedade e a produção e reprodução de discursos que atravessam no espaço midiático social.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **Papel da Memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ALVES, Guilherme Queiroz. **De A a Z**: um guia para entender os negacionismos. 2025.

BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso**: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem: estudos e pesquisas*, v. 15, n. 1, 2011.

CATTELAN, João Carlos. Do intra ao interdiscurso: o caso dos conectivos. **Revista da Anpoll**, v. 55, p. e1928-e1928, 2024.

FERNANDES, Carolina; VINHAS Luciana Lost. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 133-151, jan./abr. 2019.

JESUS, Fabiane Teixeira de; et al. **Análise do discurso**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

SARTI, Milena Maria; CHIARETTI, Paula. O lugar da paráfrase no trabalho do analista do discurso. **Revista Investigações** Vol, v. 29, n. 2, 2016.

SOUZA, Alan Lobo de . **Quando o humor (não) é humor?**: uma análise dos modos de significar a universidade pública no discurso conservador. Revistado GELNE, Natal ,RN , v.25, n.1, p.16, jun. 2023. Dossiê temático:e31957. Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v.27, n.2, p.53-64, ago. 2024.

SOUZA, Vanessa Christine de et al. **Análise sociológica do discurso negacionista e seus reflexos sobre a pandemia de COVID-19 e vacinação contra o coronavírus.** (Tese de Doutorado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Sociais Instituto de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2024.